

As crianças que não crescem

GILBERTO NASCIMENTO

Cerca de dez mil crianças brasileiras não estão crescendo normalmente porque apresentam deficiência de hormônios. Desse total, 1.500 têm o crescimento nulo ou muito retardado e, caso não sejam submetidas a tratamento, ficarão com estatura bem reduzida, variando entre 90 centímetros e 1,20 metro de altura. As crianças são ativas e inteligentes, mas demoram para atingir a puberdade. Meninas de até 17 anos não menstruam nem apresentam pêlos e seios, enquanto os meninos não mudam o timbre de voz e chegam a ter os órgãos genitais atrofiados.

No Brasil e em toda a América Latina existe apenas um centro de tratamento para as crianças com deficiência de hormônios. É o Departamento de Endocrinologia do Hospital das Clínicas, em São Paulo, que produz hormônios desde 1982 e atende, no momento, 60 pacientes. Porém, o Programa de Nanismo do HC, comandado pelo chefe do laboratório de pesquisa, Willian Nicolau, não consegue suprir a demanda. Enquanto nos Estados Unidos e Suécia já se zbtteve progressos significativos com a produção de hormônios através da engenharia genética, ("o que já poderíamos estar fazendo aqui", garante zicolau), o HC não tem recursos para aumentar a produção de 700 ampolas por mês e, conseqüentemente, atender a todos os pacientes que o procuram. Há 38 crianças na fila, aguardando vaga para iniciar o tratamento, que leva em média cinco anos.

A deficiência de hormônios é provocada por doenças como tumores e traumas cranianos ou ainda sofrimentos provocados em crianças durante o parto. Nesses casos, é destruída a hipófise, uma glândula localizada na cabeça e que produz os hormônios de crescimento. Por outro lado, os hormônios injetados nos pacientes são extraídos da própria hipófise humana.

O combate a esse problema pode ser feito nos casos em que a criança ou o adolescente — que estejam apresentando crescimento inferior a três centímetros ao ano — ainda não

tenham completado a idade óssea, ou seja, a fase em que seus ossos estão consolidados. Isso, segundo o médico Willian Nicolau, depende do código genético de cada indivíduo, pois existem crianças que atingem a puberdade aos dez anos e fogem dessa classificação, enquanto outros demoram muito mais tempo. "Temos em tratamento, no nosso grupo, pessoas de 19 e até 20 anos."

Os pacientes fazem a aplicação de hormônios três vezes por semana, em suas casas. Os frascos contendo o medicamento são retirados no HC durante as consultas periódicas. A quantidade depende da idade, peso e altura do paciente, bem como os resultados alcançados pelo tratamento. Os pacientes do HC vêm de todas as partes do País, do Amazonas a Pernambuco.

SONHOS

O tratamento é gratuito. Caso não fosse, os pacientes — a maioria de origem pobre — não teriam acesso aos medicamentos. "Esse tratamento é para Rockefeller. O preço é proibitivo", disse Willian Nicolau. Se os pacientes fossem comprar o frasco importado iriam pagar Cz\$ 3,5 mil a unidade. "Com o tratamento das 60 crianças, estamos economizando para os cofres públicos, ao ano, quase um milhão de dólares", completou Nicolau.

O HC enfrenta outro problema: a desinformação sobre nanismo. Muitas pessoas de estatura baixa, já adultas, procuram o hospital com a esperança de que possam vir a crescer. Alguns jovens querem crescer ainda mais e se transformar em jogadores de basquete, enquanto manequins sonham com vantagens que teriam na profissão.

A deficiência de hormônios não é responsável por todos os casos de baixa estatura, como explica o médico. "Indivíduos geneticamente pequenos não vão mesmo crescer. E existem muitos outros fatores. Existem doenças ósseas e genéticas, como a síndrome de Turner, além da deficiência de tiróide, a desnutrição, anemia e verminoses". A detecção da deficiência é feita a partir de dosagens de sangue do paciente.



Grupo de crianças em tratamento no HC



Magnólia e Erika, felizes com o tratamento

Edward Costa